

## O TRABALHO NO DESENVOLVIMENTO DO PSIQUISMO HUMANO E A MÚSICA NA EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE

Edgar de Campos Neto\*  
Bruna Leal Silva\*\*  
Sandra Aparecida Pires Franco\*\*\*

**Resumo:** O artigo teve como objetivo geral discutir as relações entre o papel do trabalho como propulsor do desenvolvimento do psiquismo humano e o papel da música na expressão da subjetividade. O problema debruça-se sobre: qual é o papel do trabalho no desenvolvimento do psiquismo humano e a sua relação com a música na expressão da subjetividade? Como metodologia, propomos uma pesquisa bibliográfica com enfoque no método do materialismo histórico e dialético e na Teoria Histórico-Cultural. Os resultados permitem-nos expor que o trabalho é a essência do desenvolvimento do psiquismo humano, e isso nos aponta que essa atividade realizada em nossa sociedade precisa ser ressignificada.

**Palavras-chave:** Trabalho. Desenvolvimento do psiquismo humano. Música. Teoria Histórico-Cultural.

### **WORK IN THE DEVELOPMENT OF HUMAN PSYCHE AND MUSIC IN THE EXPRESSION OF SUBJECTIVITY**

**Abstract:** This present article has as general objective the discussion about the relationship between the role of the work as a driver of the development of the human psyche and the role of the music in the expression of subjectivity. As methodology, we propose a bibliographical research, focusing on the historical materialism method. Understanding the formation of the human psyche, our contribution is the Historical-Cultural Theory. The article is divided into three topics: first, we present the role of the work in the formation of the man, the capitalist society and its relationship with alienation; second, we approach the development of the human psyche from the perspective of Historical-Cultural Theory; third, we propose music as an element of possibilities for the expression of human subjectivity.

**Keywords:** Work. Human psychic development. Music. Cultural-Historical Theory.

### **Introdução**

O século XX foi marcado por uma série de eventos que contribuíram para mudanças e quebras de paradigmas; o mundo foi palco de duas grandes guerras mundiais e de movimentos como o fascismo e o nazismo, cujo apogeu no holocausto dizimou inúmeras vítimas e provocou recessões na economia, por causa das crises econômicas. O século XXI, em suas duas primeiras décadas, apresentou um momento de polarização entre as diferentes concepções teóricas, como o positivismo, a fenomenologia e o materialismo, que explicam a

realidade em que vivemos. Neste contexto de transformações, o Capitalismo é o modelo econômico predominante em quase todo o mundo. Segundo Duarte (2003, p. 13):

[...] o capitalismo do final do século XX e início do século XXI passa por mudanças e que podemos sim considerar que estejamos vivendo uma nova fase do capitalismo. Mas isso não significa que a essência da sociedade capitalista tenha se alterado ou que estejamos vivendo uma sociedade radicalmente nova, que pudesse ser chamada de sociedade do conhecimento. Assim a chamada sociedade do conhecimento é uma ideologia produzida pelo capitalismo, é um fenômeno no campo de reprodução ideológica do capitalismo.

A base que define a nossa sociedade continua sendo o Capital, com as produções e reproduções de suas ideologias. E como fruto do seu desenvolvimento, ocorreu o avanço da tecnologia, que tem como consequência o acesso às informações de forma rápida, gerando uma superficialidade ao real significado do conhecimento para o ser humano.

O homem é um ser social e político que tem as suas relações constituídas por meio do trabalho com o mundo real e humaniza-se a partir da apropriação da cultura elaborada pela humanidade. Todos os elementos que são constituintes da cultura, como as danças, as cantigas de roda, o folclore, as músicas instrumentais, as óperas, entre outras, remetem-nos a um sistema de crenças, a pensamentos e à concepção sincrônica de mundo. Nesse sentido, o nosso enfoque está na música e nas suas relações com a expressão da subjetividade humana. Para Schafer (2011, p. 23):

[...] a música é um indicador da época, revelando, para os que sabem como ler suas mensagens sintomáticas, um modo de reordenar acontecimentos sociais e mesmo políticos. [...] o ambiente acústico geral de uma sociedade pode ser lido como um indicador das condições sociais que o produzem e nos contar muita coisa a respeito das tendências e da evolução da sociedade.

Nesse sentido, a música apresenta outros elementos que a constituem e que representam a produção do homem em um determinado período histórico, pois é parte da cultura que contribui para o desenvolvimento do psiquismo

humano. Segundo Schafer (2011, p. 18) “particularmente com a música, aprenderemos de que modo o homem cria paisagens sonoras ideais para aquela outra vida que é da imaginação e da reflexão psíquica”. Portanto, a música é um dos elementos da arte, é uma produção social do ser humano e faz parte do acervo cultural da humanidade. A primeira apreensão da música pelo homem é realizada por meio da expressão de seus sentimentos e emoções. É no patrimônio cultural da humanidade que o homem, por meio da mediação, apropria-se das objetivações existentes na cultura, e é por esse aspecto que a escolha da música, como expressão da subjetividade, se justifica.

Considerando o contexto da sociedade capitalista e o homem enquanto um ser social que se utiliza da arte como manifestação de sua cultura, questionamo-nos: qual é o papel do trabalho no desenvolvimento do psiquismo humano e a sua relação com a música na expressão da subjetividade?

Para responder ao questionamento proposto, determinamos como objetivo geral: discutir as relações entre o papel do trabalho como propulsor do desenvolvimento do psiquismo humano e o papel da música na expressão da subjetividade.

Como metodologia para a discussão, propomos a realização de uma pesquisa bibliográfica com enfoque no método do materialismo histórico e dialético e nas concepções do que é o mundo, a sociedade, o trabalho e o homem. Para a compreensão da formação do psiquismo humano, nossa abordagem teórica pautou-se nos estudos da Teoria Histórico-Cultural. Para Sanchez Gamboa (2011, p.127):

A abordagem dialética é característica dos que apresentam uma visão materialista de mundo, nela o conhecimento é construído por uma relação dialética entre sujeito objeto os quais estão dentro de um contexto de realidade histórica (cultura). Não é uma simples adequação e uma descoberta, mas, uma construção de algo novo que modifica ambos durante o processo.

Diante do exposto, o artigo foi estruturado em três tópicos. No primeiro, apresentamos o papel do trabalho na formação do homem, a sociedade capitalista e as relações com a alienação. No segundo, abordamos o

desenvolvimento do psiquismo humano na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, estabelecendo aproximações com o conceito de funções psíquicas superiores. No terceiro, propomos a música enquanto um elemento de possibilidades de expressão da subjetividade humana, mesmo vivenciando uma sociedade influenciada pela alienação.

### **1 A relação entre a sociedade capitalista, o trabalho e a alienação**

Para a compreensão do conceito trabalho, o ponto de partida é o entendimento da organização da nossa sociedade, que é caracterizada como capitalista. Para Marx (1978, p. 120), “a sociedade burguesa é a organização mais desenvolvida, mais diferenciada da produção”. Este modelo societal é marcado por classes antagônicas. Segundo Saviani (2007, p. 155), “a apropriação privada da terra, então o principal meio de produção, gerou a divisão dos homens em classes”. O homem constitui-se enquanto sujeito social a partir das suas relações na sociedade e no mundo do trabalho. Conforme Marx (1978, p. 9), “é a própria sociedade que produz o homem enquanto homem, assim também ela é produzida por ele”.

Essa sociedade é caracterizada, de acordo com Marx (1978), por ter a propriedade privada como fundamento da sua organização, a qual determina a forma de organização e divisão do trabalho na produção e consumo de bens materiais e ideativos para a satisfação de necessidades humanas, gerando, portanto, dicotomia entre o ser e o ter. O Capitalismo como modelo econômico sempre cria novas necessidades no ser humano, tornando-o um escravo, no sentido de vender a sua mão de obra para a satisfação de suas necessidades de forma precária, não lhe dando as condições mínimas necessárias para a manutenção da sua vida.

Para uma percepção de como são construídas as relações sociais do homem, recorreremos ao conceito de práxis. Vasquez (2011) menciona ser a práxis total humana o resultado das diferentes formas do homem de agir sobre a natureza e sobre si mesmo provocando transformações. Saviani (2007, p. 154) define que o trabalho é “o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das suas necessidades humanas” e, simultaneamente, “a essência do homem é o trabalho”. Corroborando isso, Martins (2015, p. 36) define que “a

práxis é a atividade vital humana por excelência, pela qual os sujeitos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e transformando a si mesmos”.

Na perspectiva materialista histórica e dialética, o homem é um sujeito social que se produz e reproduz no seio da sociedade a partir das condições objetivas. Para Leontiev (1978, p. 261), “o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém de sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade”, caracterizando-se, logo, como resultado de um processo histórico.

A constituição do homem como ser social para Lukács (2004) é compreendida na base da ontologia histórica materialista que tem o trabalho como categoria fundante do ser social. A realidade material é o concreto e constitui-se em um processo histórico da produção da humanidade. O ser é compreendido a partir de suas complexidades, caracterizando-se em: inorgânico, orgânico e social. Não existem três seres diferentes, mas sim uma formação de unidade entre a natureza inorgânica, a orgânica e a natureza social. Há uma relação de dependência do ser social ao ser orgânico, que depende do ser inorgânico. Assim, o desenvolvimento do ser social é um salto qualitativo em relação ao ser orgânico e inorgânico.

Essa transformação ocorre no homem por meio do trabalho, desenvolvendo a práxis produtiva, a qual, segundo Vásquez (2011, p. 230), é:

[...] a práxis fundamental porque nela o homem não só produz um mundo humano ou humanizado, no sentido de um mundo de objetos que satisfazem necessidades humanas e que só podem ser produzidos na medida em que se plasmas neles fins ou projetos humanos, como também no sentido que na práxis produtiva o homem se produz, forma ou transforma a si mesmo.

Por isso, o trabalho é uma práxis na qual o homem, por meio de sua teleologia, que é a sua capacidade de planejar os resultados de uma ação desenvolvida, transforma a natureza para a satisfação de suas necessidades e transforma a si mesmo enquanto sujeito social. Para Saviani (2013, p.11), “o homem necessita produzir continuamente a sua existência”. É esse o agir do ser humano, com intencionalidade em uma ação que gera uma finalidade, que o diferencia dos animais que somente adaptam-se à natureza.

Para Lukács (2004), é o surgimento da consciência e o papel que ela desempenha de forma ativa na atividade fundante do homem que diferencia o seu trabalho dos animais. Para Martins (2015), o desenvolvimento da atividade produtiva do homem na apropriação da realidade objetiva desenvolve a sua consciência que, por sua vez, passa a orientar o seu trabalho. Martins (2014, p. 104) afirma que “a função central da consciência é a distinção entre o sujeito e o objeto e é por isso que ela inaugura um modo totalmente especial de relação da pessoa com a realidade circundante e consigo mesmo”. De acordo com Leontiev (1978, p. 263), é:

Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento de suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte.

Essa atividade dominante na vida adulta do ser humano, o trabalho, é desenvolvida no seio da sociedade capitalista, que é marcada por suas contradições e permeadas pela alienação. Para Duarte (2014, p. 43), “a alienação é um fenômeno produzido pela dialética da luta de classes, que gera contradições que movem a história e a produção da vida humana”.

Em nossa sociedade, existem duas classes distintas: a burguesia e o proletariado. A primeira é detentora de toda a riqueza que é produzida pelos trabalhadores, já a segunda tem somente a força de trabalho como sua propriedade, sem acesso aos bens produzidos por meio do seu trabalho. Segundo Mészáros (2007, p. 221), “vivemos numa ordem social na qual mesmo os requisitos mínimos para a satisfação humana são insensivelmente negados à esmagadora maioria da população”. E a vida humana na sociedade se produz e reproduz por meio do trabalho, mesmo que de forma alienada, pois, para Duarte (2014, p. 43):

Todos nós fazemos parte dos processos que humanizam e que alienam. Não existe esferas da vida humana ou tipo de atividade que, nesta sociedade, estejam isentas de reprodução da alienação. Não existem indivíduos alienados e indivíduos não alienados. Nós podemos, quando muito, falar de graus maiores e menores de alienação. E ainda assim devemos reconhecer que esses graus maiores ou menores de alienação podem ocorrer de forma heterogênea na vida de um indivíduo, ou seja, talvez fosse mais cauteloso afirmarmos que o indivíduo, em determinadas esferas da sua atividade, da sua objetivação, pode se mostrar menos alienado. Será, portanto, uma afirmação sempre relativa, porque nós vivemos numa sociedade alienada e somos produtos dessa sociedade.

A forma precária e desumanizante como o trabalho é concebido em nossa sociedade não contribui para que o homem perceba esta atividade como propulsora do seu desenvolvimento. Antes ela se torna uma escravidão para si mesmo que se restringe a produção e consumo desenfreados. Para Martins (2015, p. 46), “a alienação, porém, não se manifesta apenas no resultado da produção, mas também no seu processo”. É necessário que o homem compreenda na essência o significado do trabalho para o ser humano e o seu desenvolvimento.

## **2 O desenvolvimento do psiquismo na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural**

A Teoria Histórico-Cultural desenvolvida por Vigotski e seus colaboradores tem como fundamento o materialismo histórico e dialético e como premissa a explicação do desenvolvimento do psiquismo humano, no qual o homem constitui-se por meio do processo histórico na apropriação da cultura humana. Essa teoria rompe com as explicações idealistas, mecanicistas e com a dicotomia entre o subjetivo e objetivo. Para Martins (2015, p. 56), o psiquismo é definido como a “imagem subjetiva do mundo objetivo, isto é, como reflexo psíquico da realidade”, em que o homem em atividade capta o mundo real.

Pasqualini (2016, p. 70) afirma que, para Vigotski, “o desenvolvimento é um fenômeno historicamente situado e culturalmente determinado, ou seja, um processo histórico-cultural”. O referido aporte teórico considera o homem como um ser social que, por meio do trabalho, desenvolve suas capacidades tipicamente humanas. Para Duarte (2003, p. 44):

O desenvolvimento sociocultural do indivíduo é o desenvolvimento de um indivíduo histórico, portanto situado na história social humana. Para que esse desenvolvimento ocorra é necessário que o indivíduo se aproprie dos produtos culturais, tanto aqueles da cultura material como aqueles da cultura intelectual.

Inicialmente, o homem apreende o mundo por meio dos seus cinco sentidos: visão, olfato, paladar, audição e tato. É por meio do aparato biológico, portanto, que cada ser humano tem possibilidades de conhecer o mundo e a si mesmo. Para Luria (1991), esse conjunto é denominado de sensações exteroceptivas, pois possuem um caráter ativo e dividem-se em dois grupos: de contato (paladar e tato) e de distância (olfato, visão e audição). Luria (1991) afirma que elas fazem chegar ao homem a informação procedente do mundo exterior e são o principal grupo de sensações que colocam o homem em contato com o meio exterior.

Cada um dos sentidos desenvolve uma função na orientação do homem na realidade. A princípio, são denominados de funções psíquicas elementares, que são comuns aos homens e animais, e apresentam como característica a reação de forma involuntária aos estímulos do ambiente. A partir do processo de mediação com a cultura elaborada pelo homem, transformam-se em funções psíquicas superiores, que são exclusivamente percebidas por ele. Todas as funções possuem o estágio elementar e há uma complexificação no seu desenvolvimento.

Ao abordar as funções psíquicas superiores, referimo-nos à sensação, percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento, imaginação, emoção e sentimento. As funções psíquicas superiores não se desenvolvem de uma forma isolada, em que cada uma exerce a sua função. Antes, são parte de um único complexo, no qual estão interconectadas. Para Marx (1978, p. 12):

[...] não são só os cinco sentidos, como também os chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor, etc.), em uma palavra, o sentido humano, a humanidade dos sentidos, constituem-se unicamente mediante o modo de existência de seu objeto, mediante a natureza humanizada. A formação dos

cinco sentidos é um trabalho de toda a história universal até os nossos dias.

O homem, ao nascer, não possui as características humanas, mas é portador de possibilidades de desenvolvimento. Ele nasce em um mundo humano e recebe uma herança cultural como legado de seus antecessores. Assim sendo, não nasce um ser humanizado, mas se constitui pelo processo de suas relações com o mundo social, por meio da sua atividade principal, o trabalho, que permeia toda a sua existência em sua vivência no mundo material.

Segundo Leontiev (1978, p. 264), “cada indivíduo aprende a ser homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É lhe preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana”. A humanização não surge de forma espontânea, não é algo inato do ser humano, é fruto de um processo em que cada ser humano apropria-se e objetiva a cultura humana, a qual é o acúmulo de toda a produção que o homem desenvolveu e continua desenvolvendo em seu processo enquanto sujeito histórico-social. Para Malanchen (2019, p. 51), “a cultura é constituída pelo resultado da relação produtiva do ser humano sobre a natureza, ou seja, tudo aquilo que não é natural e tem atividade humana condensada, é cultura”. Desse modo, a produção da cultura humana é vinculada ao desenvolvimento do trabalho e da vida em sociedade.

O homem apropria-se dos elementos da cultura a partir de signos e instrumentos que têm como função a mediação entre o homem e o mundo na apreensão da realidade, o que transforma o seu psiquismo. Para Mello (2009), a relação entre a cultura, a mediação e a atividade é concebida como uma unidade, visto que o homem, por meio do trabalho, produz a cultura à medida em que se apropria do uso dos instrumentos e signos. Bernardes (2012, p. 33) apresenta que:

A atividade psicológica mediada por signos e instrumentos constitui-se no fundamento da origem, do desenvolvimento e da natureza das funções psicológicas superiores. Essa atividade é considerada a base do movimento de apropriação da realidade objetiva assim como é considerada a unidade de construção da consciência.

Para Pasqualini (2016), o signo desempenha um papel no desenvolvimento humano, uma vez que tem a função de dar direcionamento para o homem na sua maneira de agir no mundo. Os animais têm o seu comportamento determinado por estímulos do meio ambiente, ao passo que o homem utiliza-se dos signos como auxiliares para a resolução de problemas. É por meio da utilização do signo que o psiquismo humano diferencia-se do psiquismo dos animais. Pasqualini (2016, p. 74) afirma que:

A criação e o emprego de signos constituem, para Vigotski, o traço essencial e distintivo das formas superiores de conduta humana, pois a mediação do signo permite que se rompa a relação direta e imediata com o ambiente, característica do psiquismo animal. A relação do homem com o entorno passa a ser mediada pelos signos da cultura.

Com a utilização dos signos de forma mediada, o desenvolvimento do psiquismo humano tem o salto qualitativo de sua função psíquica elementar para superior. Essa transformação ocorre na relação em que o homem, em um duplo movimento, apropria-se dos elementos da cultura e, ao mesmo tempo, os objetiva. Isso ocorre no momento em que este, por meio de sua ação, no desenvolvimento do trabalho para a satisfação de suas diferentes necessidades, transforma a natureza e transforma-se simultaneamente. Duarte (2003, p. 24) define que:

O processo de apropriação surge, antes de tudo, na relação entre o homem e a natureza. O ser humano, pela sua atividade transformadora, apropria-se da natureza incorporando-a à prática social. Ao mesmo tempo, ocorre também o processo de objetivação: o ser humano produz uma realidade objetiva que passa a ser portador de características humanas, pois adquire características socioculturais, acumulando a atividade de gerações de seres humanos. Isso gera a necessidade de outra forma do processo de apropriação, já agora não mais apenas como apropriação da natureza, mas como apropriação dos produtos culturais da atividade humana, isto é, apropriação das objetivações do gênero humano (entendidas aqui como os produtos da atividade objetivadora).

Portanto, apropriação e objetivação são resultados de um processo em movimento dialético, o que não ocorre de maneira passiva, mas em um caráter

ativo. O desenvolvimento do psiquismo humano é resultado da conexão que existe entre o trabalho como atividade fundante do homem e as relações em sociedade, o seu desenvolvimento histórico, a cultura humana, os signos e instrumentos que contêm a historicidade do gênero humano.

### **3 A música como expressão da subjetividade humana**

Em nossa organização de sociedade, há uma fragmentação em que o homem é racional ou emocional, e que não se contempla o ser humano como uma formação integral. A subjetividade humana é compreendida de forma superficial e isolada, resultando no pensamento de que cada indivíduo produz a sua própria subjetividade. Contrapondo este pensamento, Martins (2014) afirma que a subjetividade não é o oposto de objetividade; antes, é o resultado de uma construção histórico-social do desenvolvimento do psiquismo humano que ocorre na ação do homem por meio do trabalho. Desse modo, a subjetividade é entendida na unidade formada pela individualidade, personalidade, emoções e sentimentos.

Martins (2015, p. 72) define que “as emoções aparecem no processo de adaptação do organismo ao meio ambiente como reação à sua satisfação de necessidades”. É uma característica presente nos homens e animais à medida em que os sentimentos, para Martins (2015, p. 73), “possuem natureza histórico social, originando-se de necessidades e vivências culturais e organizando-se em função das condições sociais de vida e atitudes do homem perante as suas experiências”, característica tipicamente humana, cujo fator de influência na transformação de emoções para sentimentos é vinculado ao papel que a cultura desempenha nesse processo.

Toda produção humana é resultado de uma transformação do homem sobre a natureza, que é carregada de apropriações e objetivações. A arte, enquanto artefato da cultura humana, possui elementos que contêm aspectos da subjetividade humana. Além disso, tem função social em nossa sociedade, que vai além de sua produção e reprodução, uma vez que tem como objetivo produzir transformações no homem a partir de seu objeto de criação. Para Assumpção Duarte (2017, p. 172):

A arte autêntica, entretanto, elabora os problemas humanos de uma maneira própria, que não é aquela da cotidianidade, não tendo por objetivo produzir resultados imediatos. Mas, ao alcançar resoluções propriamente estéticas para as grandes questões humanas, a arte acaba por enriquecer o mundo humano, agindo indiretamente sobre as questões cotidianas.

A obra de arte como produção artística não se limita ao tempo em que foi elaborada. Em nosso cotidiano, existem vários elementos artísticos, como as obras de arte (pintura, escultura, produções cinematográficas, a fotografia, obras literárias, diferentes manifestações da dança como o ballet e o jazz, peças teatrais e os diferentes gêneros musicais) que são representações do acervo cultural produzido pela humanidade ao longo das gerações em um processo histórico. De acordo com Silva (2017, p. 72):

A práxis artística se plasma na criação de bens que não têm, a princípio, uma relação direta com os bens de consumo para sobrevivência, conforto etc. Não obstante, estes bens demonstram um maior grau de marca da humanização na matéria, já que exprimem a capacidade da livre criação, que é uma das características distintivas da nossa ação. Em outras palavras, a arte nos permite acessar profundamente a consciência das nossas ações e objetivar no mundo bens que exprimem anseios e até microcosmos cristalizados de mundos inexistentes, o que permite uma capacidade crítica extremamente poderosa em relação ao mundo concreto.

Portanto, a arte contribui para o desenvolvimento psíquico do homem de forma singular e única. Exemplificando o papel que esta tem em nossas vidas, Duarte (2014, p. 41) apresenta que:

A arte traz para a vida de cada indivíduo uma riqueza de experiência humana que a sua continuidade dificilmente trará. Por mais rica que seja a cotidianidade de uma pessoa, ela nunca terá a riqueza acumulada pela história da humanidade. Essa riqueza de experiências, lutas, dramas, alegrias, tristezas etc. chegará à vida do sujeito e será por ele vivenciada como se fosse sua própria vida por meio das objetivações artísticas.

É no patrimônio cultural da humanidade que o homem, pela mediação, apropria-se das objetivações existentes na cultura. A arte, em sua função social,

proporciona a este um olhar para o mundo real, que não é somente do plano da experiência do cotidiano, mas abre possibilidades para uma concretude da vida material para o enfrentamento dos dilemas inerentes ao ser humano. O homem se produz e reproduz em sociedade, e uma dessas formas de reprodução é a práxis artística, que tem na arte o seu objeto de transformação. Das artes, o nosso enfoque é a música, a qual, enquanto linguagem, possui em sua essência elementos que promovem a transformação do psiquismo humano. Segundo Wisnik (1989, p. 28):

[...] a música não refere nem nomeia coisas visíveis, como a linguagem verbal faz, mas aponta como uma força toda sua para o não-verbalizável; através certas redes defensivas que a consciência e a linguagem cristalizadas opõem à sua ação e toca em pontos de ligação efetivos do mental e do corpo, do intelectual e do afetivo. Por isso mesmo é capaz de provocar as mais apaixonadas adesões e as mais violentas recusas.

A música é usada em nossa sociedade com diferentes finalidades, como fundo musical em bares e restaurantes, nas academias como fonte de estímulos para o desenvolvimento de exercícios físicos, para alongamentos e relaxamento, meio de concentração para os estudos, como símbolo ideológico para as propagandas midiáticas, nas novelas e filmes para despertar as emoções pelas experiências vivenciadas pela produção cinematográfica, como elevação espiritual, entres outros. Em contrapartida, a música também divide opiniões, pois os diferentes estilos musicais, clássico, popular, rock, sertanejo, funk e os mais variados que existem, provocam reações de aceitação ou repulsa.

Então, para cada ser humano, a música pode suscitar emoções e sentimentos diferenciados. Segundo Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007, p. 106) “quando se vivencia a música se estabelece com a matéria musical em si (resultado da relação de seus elementos) e com toda uma rede de significados construídos no mundo social”. É dessa forma que a construção do sentido e significado da música caracteriza-se como o resultado de um processo histórico resultante da ação humana. Corroborando isso, Grout e Palisca (2007) apresentam as transformações que ocorreram nos primórdios da música grega,

esta que é o ponto de partida para a compreensão da música ocidental. Para Vargas (2012, p. 945),

A música através de sua ordem e harmonia tinha uma função de permitir um domínio das emoções e de alterar o estado de espírito, de promover uma catarse. A cada modo rítmico e melódico, os gregos atribuíam uma expressão. Os modos eram então combinados de tal maneira que pudessem proporcionar alteração de estado de espírito, o domínio das emoções, a catarse.

A relação entre música e emoções é percebida na cultura grega, visto que os gregos utilizavam modos gregos para afetar a subjetividade dos homens. A música é usada com o foco de atingir um determinado objetivo, afetar o caráter do homem, moldando-o de acordo com os objetivos da sociedade.

Em se tratando da música, o primeiro sentido a ser utilizado é a percepção auditiva, pois a música, em sua constituição, é constituinte de som. Conforme Wisnik (1989, p. 28), “o som é um objeto subjetivo, que está dentro e fora, não pode ser tocado diretamente, mas nos toca com uma enorme precisão”. Para Schafer (2011), as transformações que ocorreram no século XX contribuíram para que significado do termo música fosse ressignificado. A música, em sua definição básica, é a arte de combinar os sons. Partindo do som como o seu elemento básico, o autor propõe-nos o conceito de paisagem sonora, que é o resultado de todos os sons que nos rodeiam, sendo classificado, portanto, em paisagem sonora natural e artificial.

A música acompanha o desenvolvimento da humanidade. As transformações que aconteceram ao longo do percurso histórico demonstram que a Revolução industrial não transformou somente o mundo trabalho, mas mudou radicalmente a paisagem sonora do nosso mundo, pois ao atual momento, para Schafer (2011, 92), “o som do martelo do ferreiro era, provavelmente, o som mais forte que a mão de uma só pessoa podia produzir um magnífico retinido”. Na Idade Média, o predomínio era dos sinos das grandes catedrais. Isso demonstra o apogeu da igreja na vida do ser humano durante este período. Como exemplo, Schafer (2011, p.114) afirma que:

Durante a Revolução Industrial, o Ruído Sagrado passou para o mundo profano. Então os industriais detinham o poder e tinham permissão para fazer o Ruído por meio das máquinas a vapor e dos jatos de vapor das fornalhas, do mesmo modo que, anteriormente, os monges tinham sido livres para fazer Ruído com o sino da igreja, ou J.S. Bach para seus prelúdios no órgão. A associação entre Ruído e poder nunca foi realmente desfeita na imaginação humana. Ele provém de Deus para o sacerdote, para o industrial e mais recentemente para o radialista e o aviador. O que é importante perceber é que: ter o Ruído Sagrado não é, simplesmente, fazer o ruído mais forte; ao contrário, é uma questão de ter autoridade para poder fazê-lo sem censura. Onde quer que o Ruído seja imune a intervenção humana, ali se encontraram um centro de poder.

Dessa forma, a música está vinculada à produção humana, desvelando-nos um mundo repleto de sons que nos contam o percurso humano no caminhar da história da produção de sua cultura. E continuamos a ouvir os diferentes sons da humanidade que são produzidos historicamente, cujo eco ressoa em cada geração. Nesse sentido, Wazlawick, Camargo e Maheirie (2004, p. 106) propõem que:

A atividade musical, enquanto integrante de uma cultura, criada e recriada pelo fazer reflexivo-afetivo do homem, é vivida no contexto social, histórico, localizado no tempo e no espaço, na dimensão coletiva, onde pode receber significações que são partilhadas socialmente e sentidos singulares que são tecidos a partir da dimensão afetivo-volitiva e dos significados compartilhados.

Portanto, cada homem, na interação com a música enquanto produção humana, por meio de suas experiências sociais, será afetado nas suas emoções na produção do sentido e significado.

### **Considerações finais**

Consideramos que o trabalho é a essência do desenvolvimento do psiquismo humano, o que nos aponta que essa atividade desenvolvida em nossa sociedade precisa ser ressignificada. É na contradição da sociedade capitalista, na apropriação do pensamento teórico do significado do trabalho, que podemos desmitificar o senso comum que concebe e desenvolve o trabalho somente como

uma atividade lucrativa. É necessário romper o ciclo vicioso de um trabalho voltado apenas para o mercado, em uma corrida desenfreada somente por produção. O trabalhador precisa se reconhecer em sua atividade como propulsora do seu desenvolvimento, ultrapassando os limites do capital e realizando-o de forma consciente e crítica.

É na percepção do homem, para o qual a atividade laboral contribui para a formação da consciência e construção da realidade, que o psiquismo, na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, considera o biológico como ponto de partida, e não fim em si mesmo, demonstrando a importância da cultura e do seu percurso histórico no processo de desenvolvimento do ser humano. É preciso oportunizar o acesso do homem ao que de mais elaborado existe pela humanidade.

Entender a música como arte na manifestação da subjetividade humana, por meio de sensações, percepções, sentimento e emoções, possibilita avanços de como romper a massificação do acesso ao acervo cultural, impondo, assim, através da mídia, uma música mercadológica, reduzindo-a somente um produto a ser consumido. Os avanços são construídos a partir do momento em que o homem tem a leitura crítica de que a música não é somente um artefato de consumo, mas que suscita sentimentos e emoções que o permitem também perceber a realidade humana.

Isto posto, o trabalho promove o desenvolvimento do psiquismo humano mediante a apropriação e a objetivação da cultura que, por meio da música, expressa a história da construção subjetiva da humanidade.

## **Notas**

\* Mestrado em Educação, Universidade Estadual de Londrina, [edgarcamposneto@gmail.com](mailto:edgarcamposneto@gmail.com).

\*\* Mestrado em Educação, Universidade Estadual de Londrina, [bruna020195@gmail.com](mailto:bruna020195@gmail.com)

\*\*\* Pós-Doutorado em Educação. Universidade Estadual de Londrina, [sandrafranco@uel.br](mailto:sandrafranco@uel.br)

## **Referências**

ASSUMPÇÃO, Marian de Cássia; DUARTE, Newton. Arte, educação e sociedade em György Lukács e na pedagogia histórico crítica. **Revista Educação em questão**, Natal, v.55, n.44, p.169-190, abr./jun.2017.

BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. O desenvolvimento humano e apropriação da cultura. In: \_\_\_\_\_. **Mediações simbólicas na atividade pedagógica**: contribuições da teoria histórico-cultural para o ensino e aprendizagem. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2012, p. 29-77.

DUARTE, Newton. A Pedagogia Histórico-Crítica e a formação da individualidade para si. In: SILVA, João Carlos da. **Pedagogia histórico-crítico, a educação brasileira e os desafios de sua institucionalização**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2014, p. 33-47.

DUARTE, Newton. As pedagogias do “aprender a aprender” e algumas ilusões da chamada sociedade do conhecimento. In: \_\_\_\_\_. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** Campinas, SP: Autores Associados, 2003, p. 4-16.

GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude V. **História da Música ocidental**. 5ª ed. Portugal: Gradiva, 2007, 759 p.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978, p. 261-284.

LUKÁCS, György. **Ontologia del ser social**: el trabajo. Buenos Aires: Herramienta, 2004, p. 35-53.

LURIA, Aleksandr Romanovich. **Curso de Psicologia Geral II**: sensações e percepções. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1991, 98 p.

MALANCHEN, Julia. Cultura, processo de humanização e emancipação: definição e compreensão a partir da teoria marxista. In: BARROS, Marta Silene Ferreira; PASCHOAL, Jaqueline Delgado; PADILHA, Augusta. **Formação, ensino e emancipação humana**: desafios da contemporaneidade para educação escolar. Curitiba: CRV, 2019, p. 43-54.

MARTINS, Ligia Márcia. A constituição histórico-social da subjetividade humana: contribuições para a formação de professores. In: MILLER, Stella; BARBOSA, Maria Valéria; MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. **Educação e Humanização**: as perspectivas da teoria histórico-cultural. Jundiaí: Paco Editorial, 2014, p. 97-110.

MARTINS, Ligia Márcia. Da concepção de homem à concepção de psiquismo. In: \_\_\_\_\_. **A formação social da personalidade do professor**: um enfoque vigotskiano. 2ª ed. Campinas: Autores associados, 2015, p. 31-74.

MARX, Karl. Terceiro manuscrito. In: \_\_\_\_\_. **Manuscritos econômicos - filosóficos e outros textos escolhidos**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 3 -32/ 116-123.

MELLO, Suely Amaral. Cultura, mediação e atividade. In: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; SILVA, Vandeí Pinto da; MILLER, Stella. **Marx, Gramsci e Vigotski: aproximações**. Araraquara: Cultura acadêmica, 2009, p. 365-376.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. In: \_\_\_\_\_. **O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2007, p.195-223.

PASQUALINI, Juliana Campregher. O desenvolvimento do psiquismo e o ensino escolar. In: PASQUALINI, Juliana Campregher.; TSUHAKO, Yaeko Nakadakari (org.). **Proposta pedagógica da Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP**. v. 1, 1ª ed. Bauru: Secretaria Municipal de Educação-Bauru, 2016, p. 69-100.

SANCHEZ GAMBOA, Silvio. Os projetos de pesquisa: alguns fundamentos lógicos necessários. In: MIRANDA, E.; PACIULLI BRYAN, N. (Editores). **(Re)pensar la educación pública: aportes desde Argentina y Brasil**. Córdoba: Ed Universidad Nacional de Córdoba, 2011, p. 121-150.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v.12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <[http://www.unirio.br/cchs/ess/Members/raquel.moratori/trabalho-e-educacao\\_saviani](http://www.unirio.br/cchs/ess/Members/raquel.moratori/trabalho-e-educacao_saviani)>. Acesso em: 02 fev. 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 11ª ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2013. 137p.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado do nosso ambiente: a paisagem sonora**. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011, 382 p.

SILVA, Renatho Andriolla da. **O conceito de práxis em Marx**. 104 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

VARGAS, Maryléa Elizabeth Ramos. Influências da música no comportamento humano: explicações da Neurociência e Psicologia. In: Congresso Internacional Da Faculdades EST, São Leopoldo, 2012. **Anais...** São Leopoldo: EST. V. 1, p.944-956, 2012.

VÁSQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da Práxis**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

WAZLAWICK, Patrícia; CAMARGO, Denise de; MAHEIRIE, Kátia. Significados e sentidos da música: uma breve “composição” a partir da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, n. 1, p. 105-113, jan./abr. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/W4WkFgKY8ZzqYrBbG4b3CYw/?format=pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2022.

WINISK, José Miguel. Som, ruído e silêncio. In: \_\_\_\_\_: **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia da Letras, 1989, p.17-31.

Recebido em: outubro/2021.  
Aprovado em: agosto/2022.